

Revista de Psicanálise

da Sociedade Psicanalítica de Porto Alegre

Indexada nas bases: LILACS/BIREME desde 1997
PsycINFO, Psychoanalytical Abstract e CLASE

Homepage: www.sppa.org.br
Volume XVI – Nº 2 – Agosto – 2009

Editor

Zelig Libermann – zliber@terra.com.br

Editores Associados

- Executivo: Flávio de Oliveira e Souza – flavio.de.souza@terra.com.br
- Redação: Tula Bisol Brum – tulabrum@terra.com.br
- Seções Especiais e Entrevistas: Rosane Schermann Poziomczyk – pozio@uol.com.br

Conselho Editorial

- Lúcia Thaler
- Luisa Maria Rizzo
- Luiza Olga Luderitz Hoefel
- Magali Fischer
- Neusa Knijnik Lucion
- Patrícia Fabrício Lago
- Regina Orgler Sordi

Conselho Consultivo

- Anette Blaya Luz
Sociedade Psicanalítica de Porto Alegre
- Carlos Gari Faria
Sociedade Psicanalítica de Porto Alegre
- Carmen Médici de Steiner
Associação Psicanalítica do Uruguai
- César Luís de Souza Brito
Sociedade Psicanalítica de Porto Alegre
- Clara Rosa Nemas de Urman
Associação Psicanalítica de Buenos Aires
- Elias Mallet da Rocha Barros
Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo
- Elizabeth T. de Bianchedi
Associação Psicanalítica de Buenos Aires
- Joel Nogueira
Sociedade Psicanalítica de Porto Alegre
- Jorge L. Ahumada
Associação Psicanalítica de Buenos Aires
- José Carlos Calich
Sociedade Psicanalítica de Porto Alegre
- Juan Francisco Jordán Moore
Associação Psicanalítica do Chile
- Julio Moreno
Associação Psicanalítica de Buenos Aires
- Leopold Nosek
Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo
- Maria Aparecida Quesado Nicoletti
Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo
- Maria Olympia de A. F. França
Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo
- Mauro Gus
Sociedade Psicanalítica de Porto Alegre
- Ney Couto Marinho
Sociedade Brasileira de Psicanálise do Rio de Janeiro
- Norberto C. Marucco
Associação de Psicanálise da Argentina
- Paulo Fonseca
Sociedade Psicanalítica de Porto Alegre
- Paulo Henrique Favalli
Sociedade Psicanalítica de Porto Alegre
- Plínio Montagna
Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo
- Raquel Zak de Goldstein
Associação de Psicanálise da Argentina
- Ricardo Bernardi
Associação Psicanalítica do Uruguai
- Robert Michels
Associação Psicanalítica Americana

Conselho Consultivo (cont.)

- Virgínia Ungar
Associação Psicanalítica de Buenos Aires

Conselho de Revisores

- Alice Becker Lewkowicz
Sociedade Psicanalítica de Porto Alegre
- Alírio Torres Dantas Junior
Sociedade Psicanalítica do Recife
- Arnaldo Chuster
Associação Psicanalítica do Estado do Rio de Janeiro
- Bruno Salésio da Silva Francisco
Sociedade Psicanalítica de Pelotas
- Cássia Nuevo Barreto Bruno
Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo
- Cibele Maria de Baptista Brandão
Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo
- Cláudio Laks Eizirik
Sociedade Psicanalítica de Porto Alegre
- David Epelbaum Zimerman
Sociedade Psicanalítica de Porto Alegre
- Eneida Iankilevich
Sociedade Psicanalítica de Porto Alegre
- Flávio Rotta Corrêa
Sociedade Psicanalítica de Porto Alegre
- Germano Vollmer Filho
Sociedade Psicanalítica de Porto Alegre
- Isaac Pechansky
Sociedade Psicanalítica de Porto Alegre
- Juarez Guedes Cruz
Sociedade Psicanalítica de Porto Alegre
- Jussara Schestatsky Dal Zot
Sociedade Psicanalítica de Porto Alegre
- Luciane Falcão
Sociedade Psicanalítica de Porto Alegre
- Luiz Carlos Mabilde
Sociedade Psicanalítica de Porto Alegre
- Marina Massi
Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo
- Marlene Silveira Araujo
Sociedade Psicanalítica de Porto Alegre
- Nilde J. Parada Franch
Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo
- Paulo Fernando B. Soares
Sociedade Psicanalítica de Porto Alegre
- Raul Hartke
Sociedade Psicanalítica de Porto Alegre
- Roaldo Naumann Machado
Sociedade Psicanalítica de Porto Alegre
- Roberto Cunha
Sociedade Psicanalítica de Paris
- Roberto Gomes
Sociedade Psicanalítica de Porto Alegre
- Roosevelt Moises S. Cassorla
Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo
- Ruggero Levy
Sociedade Psicanalítica de Porto Alegre
- Samuel Zysman
Associação Psicanalítica de Buenos Aires
- Sérgio Lewkowicz
Sociedade Psicanalítica de Porto Alegre
- Viviane Sprinz Mondrzak
Sociedade Psicanalítica de Porto Alegre

Secretária Executiva: Rosângela Broch Veiga
Revisão: Clotilde Favalli • **Capa – Arte:** Liziane Leite Cruz
Composição: Luiz Cezar F. de Lima • **Impressão:** Gráfica Editora Pallotti

A *Revista de Psicanálise* da SPPA tem por objetivo publicar trabalhos teóricos e clínicos originais de psicanálise bem como suas interfaces com a cultura e saberes contemporâneos.

Linha Editorial

A *Revista de Psicanálise* da Sociedade Psicanalítica de Porto Alegre é uma revista de psicanálise com artigos avaliados por pares de forma totalmente anônima (*peer-reviewed*) que recebe contribuições inéditas ou originais no país de artigos que versem sobre teoria e técnica psicanalítica, história da psicanálise, comunicações clínicas psicanalíticas, temas de educação e profissão psicanalítica, pesquisa e metodologia para a pesquisa psicanalítica e estudos interdisciplinares com ênfase em psicanálise.

Data de impressão: agosto de 2009

Tiragem: 500 exemplares

R 454 Revista de Psicanálise da Sociedade Psicanalítica de Porto Alegre /
Sociedade Psicanalítica de Porto Alegre. – Vol. XVI, nº 2 (ago., 2009)
– Porto Alegre: SPPA, 1993 –

Quadrimestral

ISSN 1413-4438

1. Psicanálise – Periódicos I. Sociedade Psicanalítica de Porto Alegre.

CDU: 159.964.2 (05)
616.89.072.87 (05)

CDD: 616.891.7

Bibliotecária responsável: Rosângela Broch Veiga
CRB 10/1734

Rua Gen. Andrade Neves, 14 conj. 802
90010-210 - Porto Alegre-RS
Tel. 051 3228-7583 / Fax 051 3224-3340
E-mail: revista@sppa.org.br
Homepage: www.sppa.org.br

Os vazios da contemporaneidade: a compulsão como um processo defensivo precoce na adolescência*

David Leo Levisky**, São Paulo

Compreender as transformações do adolescente na atualidade é um chamado para a reflexão sobre como a emergência de novos modelos de identificação acabam por estimular a criação de fenômenos compulsivos diferentes dos encontrados em outros momentos da história. Frente aos padrões e valores da sociedade contemporânea e à vivência de angústias profundas, o adolescente tende a paralisar seu desenvolvimento, ao experimentar na compulsão à repetição uma tentativa de preencher as lacunas de sua personalidade, um caminho que o livra da elaboração de seus conflitos e de uma implicação como sujeito. Paradoxalmente, essa escolha só contribui para o aumento do vazio interno e para a sua perpetuação, impossibilitando-lhe de novos investimentos.

Descritores: Compulsão à repetição. Adolescência. Contemporaneidade. Vazio. Relação self/ objeto.

* Trabalho apresentado no Congresso Brasileiro de Psicanálise – Rio de Janeiro, 1º de maio de 2009.

** Psicanalista didata da Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo, Psiquiatra da Infância e da Adolescência, Doutor em História Social – Universidade de São Paulo.

Os fenômenos compulsivos e a compulsão à repetição, com muita probabilidade, estão presentes na mente humana ao longo da história da civilização, desde os primórdios do homem simbólico, variando o significado de suas manifestações sociais como sintoma e quadros psicopatológicos. Os comportamentos, sentimentos e tipos de angústia dependem da estrutura, dinâmica e economia psíquica do sujeito, constituídos a partir dos diferentes níveis de intersubjetividade, estimulados ou inibidos por fatores culturais. Anorexias, bulimias, drogadições, manifestações psicossomáticas, comportamentos compulsivos e pensamentos obsessivos podem ter como denominador comum a vivência inconsciente do vazio.

Pressões provenientes de afetos primitivos intensos e profundos levam à formação de processos incoercíveis como é o caso da compulsão à repetição, uma tentativa inconsciente de diminuir a angústia proveniente de sentimentos de vazios que, contrariamente a esse intento, acaba por exacerbá-los. São estados mentais extremamente angustiantes e inomináveis do mundo interno, caracterizados pelo constrangimento do sujeito em agir ou pensar de maneira repetitiva e impossibilitado de fazer uso da capacidade de elaboração.

Nos estados compulsivos, o psiquismo do sujeito *patina* numa espécie de atoleiro, ao permanecer no mesmo pensamento ou ação sem recursos criativos do processo secundário para dar novos direcionamentos às suas idéias e ações.

Esse modo de funcionamento mental conduz o sujeito a um estado de paralisia psíquica total ou parcial e a um estado de exaustão, com consequente perda de contato com a realidade, podendo chegar, em casos extremos, à falência psíquica e morte. Brusset (1996) entende que

A clínica dessas estruturas está centrada no vazio: sentimento de vazio e vazio realizado tanto na atividade mental como na vida do sujeito. Os investimentos secundários são frágeis e aparecem todas as gradações entre a desesperança, a ausência de todo projeto, a morosidade, o sentimento de falta e a alucinação negativa do objeto (p. 208).

Freud (1920) chamou essas condições de estados de *compulsão de repetição* e de *compulsão de destino*, um fator autônomo ligado a uma dinâmica de conflitos na qual intervém o jogo entre princípio do prazer e princípio de realidade.

A compulsão à repetição expressa, em alguns casos, o retorno a um estado funcional primitivo que vai além da satisfação autoerótica e que visa a alcançar a eliminação ou a atenuação de uma angústia profunda e inominável. Ela parece ter

por função uma tentativa inconsciente da mente de dar vazão a – e de se libertar de – um estado de excitação gerador de um sentimento insuportável de vazio. Nessas condições, o sujeito em situação extrema não diferencia o *self* do objeto interno, e o corpo pode permanecer como um objeto que se confunde com as próprias fantasias.

Trata-se de uma aderência *self*/objeto que pretende, através da repetição compulsiva, libertar o aparelho psíquico de uma excitabilidade mental que, ao invés de se atenuar, a incrementa a partir de sua iteratividade, caminhando para a exaustão e, finalmente, a morte. Caso o processo não seja interrompido ou atenuado por ações externas, o desespero, a desagregação mental e o *acting out* se fazem presentes, pondo em risco a integridade do sujeito e do seu entorno.

A compulsão à repetição, seja no âmbito da ação ou do pensamento, busca um menor gasto de energia, na tentativa frustrante de ligar a energia existente (impulso ligado a fantasias onipotentes) a um objeto de modo sensorial. Seja ele o corpo, uma ação ou um pensamento, que acaba por gerar maior excitabilidade, na medida em que a pulsão não encontra um sistema de vazão adequado. Cria-se um estado de dependência a essa organização primitiva que não encontra no elemento sensorial concreto a satisfação e o apaziguamento equivalentes àquele encontrado pelo bebê no aconchego do corpo real materno. Nem o corpo, nem as imagens primitivas narcísicas do corpo materno e do próprio sujeito, precursoras da representação e da atividade simbólica das diversas linguagens a serem estruturadas, possibilitam a continência necessária para a preservação da atividade psíquica. Em outros termos, há nessa situação uma tendência que vai além do princípio do prazer e que pode ser entendida como um retorno a um estado anterior e que precede as tensões do existir e do ser. É a falência do autoerotismo. Trata-se de algo similar a uma valência livre à procura desesperada de uma contra parte, com a qual possa se ligar para alcançar um estado de estabilidade e ausência de tensão, mas que não ocorre. Segundo Ladame (1992), “[...] a compulsão à repetição é testemunho e reflete a persistência do desejo incestuoso e parricida em estado bruto[...].” (p. 152), e o ego não possui autonomia frente aos processos primários do pensamento.

As angústias provenientes desses estados são inomináveis por serem extremamente primitivas, prévias a qualquer representação. A excitabilidade psíquica existente não encontra onde se fixar e é, involuntariamente, canalizada para o corpo ou para algum objeto real externo que lhe sirva de anteparo, um equivalente do corpo materno concreto, não simbólico, e do qual o sujeito fica refém. Nessas condições, a capacidade para a elaboração psíquica fracassa.

No autoerotismo, há uma satisfação obtida pela alucinação do desejo, que

faz com que a carga energética adira às imagos e às representações simbólicas, ao participar da estruturação progressiva de sistemas linguísticos. Estes servem de continente apaziguador do sujeito; são equivalentes do corpo materno e vão constituir a pele psíquica, que dá a contensão necessária para a elaboração e alívio das tensões corporais e psíquicas. Possíveis lacunas existentes no *self* ao nível da autoestima e das configurações narcísicas, se tudo caminha bem, serão toleradas e preenchidas pela criatividade e por fantasias heróicas e desafiadoras impulsionadas pela pulsão de vida. Formam-se imagos, representações e linguagens que substituem a presença sensorial do objeto real externo e concreto. As relações entre o prazer e a frustração são geradoras de vivências que contribuem para a coesão do *self* e para a incorporação de imagos edificantes das atividades simbólicas e outras potencialidades egóicas capazes de, progressivamente, oferecer continência e elaboração psíquica com a maturação do ego.

Na adolescência, com as transformações da puberdade, fase da vida na qual o jovem passa por processos de perdas e de fragilização do ego devido aos desinvestimentos das imagos infantis e parentais, emerge o primitivo em conflito com as novas aquisições inerentes ao processo de maturação e de desenvolvimento. Nesta fase da vida há, espontaneamente, uma tendência à prevalência de aspectos do processo primário, com manifestações defensivas próprias da fase pré-genital: cisões, idealizações, identificações projetivas maciças, onipotência, negação da realidade, relações de objeto parcial. O primitivo se faz presente, concomitantemente à busca de novos modelos identificatórios. A atividade psíquica oscila entre processo primário e secundário. As fragilidades próprias dessa fase da vida, acrescidas dos padrões e valores da sociedade contemporânea, facilitam e reforçam a emergência do primitivo, dificultando a elaboração dos lutos e os desinvestimentos das fantasias incestuosas. A presença desses processos psíquicos primitivos, num momento em que o sujeito reestrutura sua personalidade e identidade, torna-o vulnerável aos novos modelos incorporados a partir do contexto e da cultura no intercâmbio das subjetividades.

Quanto maiores tiverem sido os comprometimentos traumáticos dos primeiros anos de vida, maiores serão as possibilidades de os traumas precoces virem à tona nessa fase do desenvolvimento. São condições favorecedoras da desorganização do *self* e da emergência de falhas das funções narcísicas reguladoras. A baixa da autoestima e o aumento da excitabilidade psíquica pelos fracassos das funções egóicas promovem no ego fragilizado uma reorganização dos elementos narcísicos em níveis primitivos. A repetição compulsiva tende a alcançar um estado de aderência e de não diferenciação entre o *self* e o objeto, numa tentativa de coesão do *self*. Esta coesão se dá em fases anteriores à

diferenciação e integração das partes antagônicas que o compõem, própria da condição *self/objeto* primitivo. A repetição compulsiva parece ser uma tentativa de retorno aos núcleos indiferenciados do *self*.

Na compulsão à repetição, há um estado de vazio por aniquilação do objeto ou sua idealização, estruturado numa relação de sujeito/objeto primitivo a serviço de uma atividade mental narcísica precoce e negativa, uma espécie de estado nirvânico que impossibilita quaisquer possibilidades de representação e de elaboração mentais. Há nessa condição o que Feder (1992) chama de *tempo interrompido* (p. 795), uma impossibilidade de o adolescente dar continuidade a novos investimentos e descobrimentos devido ao aprisionamento acarretado pela compulsão à repetição.

O desenvolvimento da personalidade do adolescente enquanto elabora os lutos procede em novos investimentos libidinais corporais, narcísicos e objetais; entretanto, setores da personalidade podem evoluir em diferentes velocidades ou sofrer paradas maiores ou menores que se refletem, em maior ou menor grau, no restante do desenvolvimento de partes do *self* e do objeto. Ladame (1992) sugere que, nesses casos, ocorre como consequência da incapacidade de efetuar o luto, a compulsão à repetição. O desinvestimento acarreta desligamento das vinculações existentes e conduz ao

[...] luto impossível do desejo incestuoso e parricida e luto impossível do corpo impúbere, [que] impedem liberar-se da compulsão à repetição. O processo de transformação do adolescente é paralisado e a ausência da elaboração depressiva fecha a possibilidade de novos investimentos. A repetição do idêntico coloca o sujeito em situação de impasse (p. 155).

Penso que a questão nos remete a estágios pré-genitais precoces do desenvolvimento da relação *self/objeto* que acarretará uma falha na construção da estrutura edípica, na qual a falha da triangulação dificulta o processo simbólico e a criação do espaço transicional de Winnicott (1975).

Quando, na infância, tudo caminha bem no encontro com a mãe suficientemente boa, a presença de estados narcísicos construtivos favorece a coesão e a integração de diferentes partes do *self* na construção do novo sujeito. Mas quando fracassa a relação com o objeto real externo e/ou com o desenvolvimento das funções narcísicas, o autoerotismo estruturante dá lugar a vazios e à repetição compulsiva que podem ser melhor compreendidos se partirmos do conceito de narcisismo funcional de Storolow e Lachmann (1983). Estes autores

compreendem certas paradas do desenvolvimento como um processo defensivo e regulador da economia psíquica:

A atividade mental é narcísica no grau em que sua função é a de manter a coesão estrutural, a estabilidade temporal e a tonalidade afetiva positiva da representação do self (p. 22).

A atividade narcísica pode funcionar como defesa, com o fim de afastar uma multidão de conflitos intrapsíquicos (incestuosos, sadomasoquistas) relacionados com os objetos (p. 23).

[...] qualquer atividade mental pode servir como defesa contra conflitos intrapsíquicos e nas relações objetais temidas, [...] (p. 23).

Uma grande variedade de perversões sexuais pode funcionar como tentativas sexualizadas de contrabalançar sentimentos de autoesvaziamento e autofragmentação, de reviver o sentimento de ter um *self* coeso, e de restaurar a autoestima [...] (p. 27).

A compulsão à repetição tem por função diminuir as tensões ao tentar substituir de forma insatisfatória as funções reguladoras da autoestima vinculadas às atividades narcísicas. Essas configurações arcaicas da personalidade tentam suprir o indivíduo, sem êxito, ao dar-lhe um objeto que é o reflexo especular contínuo de suas fantasias grandiosas ou de um estado de fusão com o objeto onipotente e onipresente solicitado pelo *self*. Uma forma compensatória e de contenção diante da fragilidade egóica e da baixa autoestima, uma defesa contra um temor inominável e grandioso (Levisky, 2007, p. 140). No adolescente o fenômeno da compulsão à repetição pode ter um caráter de *normalidade* quando transitório e pontual. Porém torna-se um sintoma preocupante na medida em que fica crônico e se expande para outras áreas da personalidade, trazendo sofrimento ou diminuição de sua performance.

O conceito de autoestima está intimamente conectado ao de *libido narcísica* e ao de *narcisismo funcional* (Freud, 1914). Eles contribuem para a compreensão de patologias de casos difíceis, borderline, e outros já mencionados, que se imbricam a aspectos neuróticos e psicóticos da personalidade. Na adolescência, tais manifestações complexas têm sido cada vez mais frequentes, facilitadas pelas características da sociedade contemporânea que estimula o individualismo, o narcisismo, a satisfação imediata e concreta dos desejos em função das transformações dos contextos históricos, das mentalidades, dos imaginários, das utopias e crenças.

A psicanálise não necessita, pelo menos até o presente, de uma nova

psicanálise, desde que o psicanalista evolua e incorpore a complexidade, diversidade e incerteza do mundo atual, além da velocidade das transformações tecnológicas, das éticas e dos valores morais. O aprimoramento da *escuta psicanalítica* depende da inserção do sujeito na cultura e na compreensão dos movimentos reguladores nela projetados e por ela transformados e disponíveis para serem incorporados tanto pelos pacientes quanto pelos analistas. Somos todos agentes e vítimas dos processos de transformação que afetam a sociedade e, conseqüentemente, nossa capacidade de discriminação e de análise crítica consciente e inconsciente em seus vários níveis intra, inter e transsubjetivos na regulação e expressividade das pulsões.

Na Idade Média, o vazio era preenchido pela busca de Deus e no encontro do Paraíso Celeste na vida pós morte. Tanto no passado quanto no presente, as questões narcísicas se fazem presentes, projetadas na cultura, na busca da paz, da pureza e da perfeição, mas os deuses são outros. A mente humana alterna situações de funcionamento de tipo analógico e dialógico, podendo realizar configurações surpreendentes e criativas, de modo rápido e simultâneo a outras atividades. Mas cada sujeito necessita descobrir em si seus limites para não ser vítima da própria voracidade e de ambições narcísicas. A cultura pode estimulá-lo a se tornar um dependente compulsivo e direcioná-lo para o trágico, para a morte ou para a linguagem juvenil dos internautas quando dizem que o sistema “deu pau” ou entrou em pane. Nos séculos XI e XII muitas famílias abandonaram tudo, bens e filhos, dirigindo-se para a vida monástica com a esperança de, assim, encontrar a paz e a graça divina. Hoje mudaram os meios, mas não a essência da natureza humana, uma obra do seu Criador (Levisky, 2007-2208, p. 91).

No medievo muitos estavam dominados pela compulsão em ir à igreja, a rezar num estado de devoção extrema, inclusive com sacrifícios corporais. Era tamanha a compulsão de reencontro com o objeto perdido, idealizado e narcísico, que abandonavam tudo. Eles estavam dominados por um imaginário cuja fantasia grandiosa era a do encontro da paz celestial, um estado de dependência que se assemelha àquele que hoje muitos buscam nas drogas, na idealização do corpo ou na compulsão consumista.

Na atualidade, governantes, perplexos diante da impotência em resolver uma multidão de problemas, estimulam a gastar. Os jovens não desgrudam dos videogames e a TV penetra na vida íntima e indiscriminada, destrói o limiar entre o público e o privado para deleite dos fofoqueiros compulsivos. É a negação da

morte que gera a própria morte, e a cultura globalizada exacerba esse fenômeno. As características da contemporaneidade quebram paradigmas internos e sociais estabelecidos de longa data e desestabilizam o sujeito imerso em incertezas que vão além de seus limites egóicos e superegóicos. Ele passa a atuar e regride a estados de descarga tensional que caminham na direção da compulsão à repetição, na busca da gratificação que vai além do princípio do prazer.

O adolescente corre o risco de se sentir confuso e perdido diante da economia de consumo, das subjetividades múltiplas e descentradas, da valorização do imediatismo, da fragilidade das relações, da competitividade, contemplação, lazer e trabalho desmedido. Ele vive a dificuldade da discriminação dos papéis e das funções entre homens, mulheres e outros padrões de gênero bem como do enfraquecimento dos poderes reguladores da sociedade e das autoridades parentais. Vivencia a liberdade e a similaridade das fantasias entre homem e mulher e revive o desejo arcaico de retorno à simbiose. A alteração da ordem paterna e da lei simbólica nas várias modalidades de família – monoparental, homoparental –, recomposta, desconstruída, clonada e a excessiva excitabilidade proveniente de múltiplos estímulos podem mobilizar, no ego em reformulação do adolescente, um processo defensivo através da compulsão à repetição, uma espécie de saída salvadora na busca do equilíbrio psíquico.

Não é ficção pensar no homem grávido nem na lésbica com pênis entre outros modelos de sexualidade, concretizações dos imaginários de tempos longínquos em torno de ideais narcísicos. Em outras civilizações e culturas as diferentes identidades sexuais se manifestavam travestidas de deuses e magos e as organizações familiares transitavam pela poliandria, poligenia, poligamia e monogamia.

Na atualidade há uma complexidade nas novas organizações familiares pluriparentais que interferem nos processos de identificação e na constituição das identidades. Avanços tecnológicos transformam muitos desejos antes sublimados em realidades virtuais e concretas que até se confundem. O Homem do futuro não necessitará do sexo para a procriação e nem do outro para o prazer. As compulsões se organizarão de outra maneira na perseguição da plenitude, no reencontro do objeto estético primordial perdido e utópico, protótipos que nos mobilizam na contínua busca da felicidade e da satisfação. Idealizações, impossíveis de serem resgatadas, motor da vida, pelo menos por enquanto (Attali, 2007). □

Abstract

The voids of contemporaneity: compulsion as a precocious defensive process in adolescents

The understanding of the changes experienced by today's adolescents claims attention to think about how the emergence of new identification models ultimately stimulates the creation of compulsive phenomena unlike those found in other historical periods. In light of the standards and values presently embraced by contemporary society, and as adolescents experience profound angst, their personal development tends to be stifled since they adopt a repetition compulsion pattern in an attempt to fill the gaps of their own personality. This not only rids them of the need to elaborate on their conflicts but also causes them to withdraw from active and constructive participation in society. Paradoxically, this choice only contributes to intensifying and perpetuating the void of their existence, rendering them unable to capture new opportunities.

Keywords: Repetition compulsion. Adolescence. Contemporaneity. Void. Self-object relation.

Resumen

Los vacíos de la contemporaneidad: la compulsión como un proceso defensivo precoz en la adolescencia

Comprender las transformaciones del adolescente en la actualidad es un llamado a la reflexión sobre cómo la aparición de nuevos modelos de identificación estimulan la creación de fenómenos compulsivos diferentes de los que eran encontrados en otros momentos de la historia. Frente a los patrones y valores de la sociedad contemporánea y la vivencia de angustias profundas, el adolescente tiende a paralizar su desarrollo al vivenciar, en la compulsión de repetición, una tentativa de llenar las lagunas de su personalidad, siendo esto un camino que lo libra de la elaboración de los conflictos y de un compromiso como sujeto. De modo paradójico, esta elección únicamente contribuye para aumentar el vacío interno y para que éste se perpetúe, impidiendo la posibilidad de nuevas investiduras.

Palabras llave: Compulsión de repetición. Adolescencia. Contemporaneidad. Vacío. Relación *self* / objeto.

Referências

- ATTALI, J. (2007). *Amours*. Paris: Fayard.
- BRUSSET, B. (1996). Anorexia mental y toxicomania. In: *Psicoanálisis APdeBA*, v. XVIII, n. 2, p. 189-221.
- FEDER, F. (1992). "Une figure du temps à l'adolescence: le temps suspendu". *Revue Française de Psychanalyse*, v. LXV, n. 3, jul/set. 2001, p. 795-805
- FREUD, S., (1914). Introducción al narcisismo. In: *Obras Completas*. Madri: Biblioteca Nueva, 1973. p. 2.017-2.034.
- KOHUT, H. (1988). *Análise do self*. Rio de Janeiro: Imago.
- LADAME, F. Freud, la compulsión a la repetición y la adolescencia. In: *Psicoanálisis*, (N/A), 2, 1002, p. 152.
- LAPLANCHE, J., PONTALIS, J.-B. (1973). *Vocabulaire de la psychanalyse*. Paris: PUF.
- LEVISKY, D. L. (2007) *Um monge no divã*, São Paulo: Casa do Psicólogo.
- . (2008). A mente contemporânea como espaço de criatividade: delatar x formatar. *Revista do Instituto de Ensino e Pesquisa em Psicoterapia*, 10.
- STOROLOW, R., LACHMANN, F. M. (1983) *Psicanálise das paradas do desenvolvimento*. Rio de Janeiro: Imago.
- WINNICOTT, D. W. (1975) *O brincar e a realidade*, Rio de Janeiro: Imago.

Recebido em 14/04/2009

Aceito em 25/04/2009

David Leo Levisky

Rua Bruno Lobo 218, Butantã

05578-020 São Paulo – SP – Brasil

e-mail: dlevisky.tln@terra.com.br

© Revista de Psicanálise – SPPA